

Caderno pedagógico de Língua Portuguesa

A língua como chave: ler, escrever e conversar no universo de "O Fantástico Laboratório"

Cinco percursos de aprendizagem baseados em projetos, com aprofundamento de conteúdo, leitura literária de verdade, produto final e avaliação por evidência. Da palavra grega que abre a maior invenção do mundo à roda de conversa que fecha o ciclo, este caderno ensina língua e literatura ancoradas no filme e no livro.

Carta ao educador de Língua Portuguesa

Colega, começo por onde a história começa: com uma palavra.

No fim da trama, a família inteira está reunida diante da maior invenção da humanidade, e ela não acende. Falta uma peça, e a peça não é de metal. Está escrita numa palavra grega que ninguém na casa sabe ler, πάθος. Quem decifra é Alice, oito anos, sozinha e teimosa, comparando símbolo por símbolo num velho dicionário até soletrar: "É emoção! É amor!" A última peça da maior invenção da história não era fórmula nem cálculo. Era uma palavra bem lida. E foi uma criança que nomeava sentimentos por gosto (melancólico: triste mas bonito, tipo música de domingo) quem a leu.

Essa é a tese secreta deste caderno, e ela é, na verdade, a tese da nossa disciplina: a língua é a chave. Não um enfeite do conhecimento, não a casca bonita de um conteúdo que mora noutro lugar. A própria condição de o conhecimento existir, ser guardado, atravessar séculos e passar de mão em mão. O Grande Livro da Ordem só vive porque alguém aprendeu a ler o que estava escrito nele. E, na última cena, Percival não fica com a máquina: fica com um caderno em branco, molha a pena e começa a escrever a parte que ainda não existe, a que cabe a ele. A obra inteira termina num ato de escrita.

Proponho que a nossa aula faça o mesmo movimento. Não embrulhar a gramática numa história bonita, mas deixar a história pedir a língua de que precisa. Um menino corre por um túnel em 1932 apertando um livro no peito, e daí nasce a necessidade da carta, do relato, do ponto de vista. Uma menina coleciona palavras, e daí nasce o verbete, a etimologia, o encantamento com o léxico. Um robô que fala por luz, som e movimento, e nunca por palavras, e daí nasce a mais rica das aulas sobre o que é comunicar. Um livro de séculos, escrito por dezenas de mãos, e daí nasce a leitura literária: enredo, narrador, personagem, tempo, as duas linhas temporais de 1932 e 1999 que a obra tece uma na outra.

Você não precisa da obra inteira para começar, nem de recursos caros. Precisa do que todo bom professor de Português já tem: gosto pela língua, ouvido para a boa frase e a coragem de fazer uma pergunta que não tem resposta pronta. O resto está aqui, do aprofundamento de conteúdo (para você ensinar língua e literatura com densidade) ao primeiro minuto de cada aula e à ficha pronta para copiar.

Uma última palavra sobre a nossa palavra. Este caderno não usa travessão em nenhuma linha do seu próprio texto, de propósito, para mostrar na prática que dá para pontuar com clareza usando vírgula, dois-pontos e parênteses. Mas ele celebra o travessão onde ele é rei: no diálogo literário do romance. Esse contraste é, ele mesmo, uma aula: cada sinal tem o seu lugar, e escrever bem é escolher.

Bem-vindo ao laboratório da língua. A porta está aberta, e a pena, molhada.

Como este caderno funciona

A base pedagógica

As sequências combinam quatro pilares, aqui aplicados ao ensino de língua e literatura:

- **Aprendizagem baseada em projetos (ABP):** um desafio real de leitura ou de escrita, um produto textual final, protagonismo do estudante como autor.
- **Ensino por investigação da língua:** parte-se de uma pergunta e de hipóteses sobre como a língua funciona (de onde vem a palavra, por que este texto comove), não de regras dadas de cima.
- **Leitura literária como experiência:** a obra é lida para ser sentida e compreendida, não apenas classificada; a análise vem servir à emoção, não substituí-la.
- **Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA):** múltiplos caminhos de entrada (o texto, o áudio, a imagem, a fala), para que ninguém fique de fora da palavra.

O arco de cada percurso

Toda sequência segue o mesmo movimento, para você se orientar:

1. **Sensibilização.** Um trecho da obra e uma pergunta acendem a curiosidade.
2. **Investigação.** A turma levanta hipóteses sobre a língua ou o texto, lê, compara, descobre.
3. **Produção.** Mão na massa da escrita: o texto começa a existir, com rascunho e reescrita.
4. **Socialização.** A turma lê em voz alta, publica, expõe, conversa.
5. **Avaliação.** Por evidência (o texto produzido e o percurso), com rubrica e autoavaliação.

Legenda dos ícones

- 🕒 tempo · 👥 agrupamento · 🎯 produto · ♿ acessibilidade (DUA) · 📄 ficha reproduzível · 💬 fala ou pergunta mediadora do professor · 👁️ fique de olho (o que observar).

Uma nota sobre a obra: filme e livro

Este caderno dialoga com dois formatos do mesmo universo: o filme (longa de aventura familiar) e o livro (o romance que reconta a história). Onde o trecho existe nos dois, você escolhe o que tiver à mão. Uma diferença é, ela própria, conteúdo de Português: o livro emprega o travessão para

marcar as falas dos personagens (norma da nossa literatura), enquanto o roteiro e a legenda do filme usam outras marcas. Trabalhar essa diferença é ensinar como cada gênero e cada suporte pontua o discurso.

Matriz-síntese

Nº	Sequência	Foco de Língua Portuguesa	Faixa	Duração	Produto final
1	A palavra é a chave	Léxico, etimologia, formação de palavras, o verbete	4º ao 9º e EM	5 aulas	Dicionário etimológico ilustrado da turma
2	Cartas dos dois lados da montanha	O gênero carta, ponto de vista, coesão e coerência	Anos finais do EF	5 aulas	Livro ou mural de cartas de 1932
3	Como se conta esta história	Leitura literária: enredo, narrador, personagem, tempo (1932 e 1999)	8º ao 9º e EM	5 a 6 aulas	Ensaio-resenha e roda de leitura
4	Quem fala sem palavras	Comunicação verbal e não verbal; descrição; o Byte como texto	6º ao 9º	4 aulas	Guia "traduzir o Byte" e cena escrita
5	Escrever claro, pensar junto	Oralidade, argumentação e escrita clara (com IA); prompt	6º ao 9º e EM	4 aulas	Guia de escrita clara e regras de ouro

Todas dialogam com o **ODS 4 (Educação de qualidade)** e podem convergir num sarau ou feira literária culminante, descrita no fim.

Aprofundamento de conteúdo

Para o professor ensinar língua e literatura de verdade, ancoradas no filme e no livro

Esta seção é a sua bancada. Não é para copiar no quadro, é para você dominar o conteúdo antes de mediar. Cada aprofundamento traz o conceito, o exemplo tirado da obra e o gancho para a sala. Leia o que a sua sequência pede, ou leia tudo: a obra dá material para um bimestre inteiro de Português.

1. Leitura literária do romance: como uma história se organiza

Ensinar literatura não é decorar definições de enredo e clímax; é aprender a **ler por dentro**, percebendo as escolhas que fazem uma história funcionar. O romance de Percival é um caso raro de generosidade didática, porque quase todo conceito de teoria literária tem ali um exemplo vivo e comovente.

O enredo (a espinha). A história obedece a um arco clássico, e vale nomeá-lo com a turma porque ele é o esqueleto de quase toda narrativa que ela vai encontrar na vida:

- **Situação inicial (equilíbrio):** a família Dias, quebrada pela crise de 1999, muda-se para a casa herdada do avô Severino em Cruzeiro.
- **Complicação (a força que rompe o equilíbrio):** Percival encontra o laboratório secreto do avô, o Grande Livro e a pedra verde, e resolve construir sozinho a Máquina Que Resolve Tudo.
- **Clímax intermediário e virada:** a máquina explode, e dessa explosão nasce o Byte. A partir daí a caçada pelo segredo do livro se acelera.
- **Clímax (o ponto mais alto):** no altar dentro do Túnel da Mantiqueira, Byte se sacrifica para salvar as crianças e "morre".
- **Resolução (o novo equilíbrio):** o círculo de mãos dadas acende a invenção, Byte volta à vida, e a casa antes amaldiçoada vira a mais cheia da rua.

O ponto de ouro para a análise: a **peripécia**, a reviravolta. A máquina que devia salvar a família **falha**, e é justamente da falha que nasce o bem maior (o Byte, e a lição). O subtítulo da obra ("às vezes, o que não resolve nada, resolve tudo") é a fórmula literária dessa ironia. Peça à turma que cace, em outras histórias que conhece, o momento em que "dar errado" foi o começo do que deu certo.

Os personagens (planos e redondos). A teoria distingue personagens **planos** (definidos por um traço, previsíveis, úteis para mover a trama) de personagens **redondos** (complexos, contraditórios, que mudam). A obra oferece os dois em estado puro:

- **Redondos, com arco de transformação:** *Percival* sai do menino que "gosta mais de máquina do que de gente" e acha que precisa dar conta de tudo sozinho para o menino que diz em voz

alta "eu não consigo sozinho, eu preciso de vocês". *Maria*, que "nunca confiou em ninguém", aprende a confiar. *Arnaldo*, o vilão que "parece saber tudo e não sentir nada", tem uma ferida de trinta anos que se reabre. Personagem redondo é aquele cuja última página não cabe na primeira.

- **Planos (e por isso eficazes):** *Pardal*, que "só enxerga o cifrão", é a ganância pura; ele não muda, e é essa fixidez que o condena a ficar sozinho à beira dos trilhos.
- **O caso especial, Byte:** um personagem que aprende do zero, "como toda criança, olhando e imitando e errando", e que constrói a própria linguagem. É protagonista sem falar como gente (ver o aprofundamento 6).

Um exercício fino de leitura: **Frida**. Ela atravessa a câmara do tesouro sem olhar o ouro (passa na prova dos guardiões, que separa o ladrão do sábio) e, mesmo assim, é a vilã. Por quê? Porque o teste separa quem ama dinheiro de quem ama o saber, mas não separa quem ama o saber para partilhar de quem ama o saber para trancar. Discutir isso com a turma é ensinar que um personagem não se julga por um ato só, e sim pela intenção que o move. É leitura de subtexto.

O narrador (quem conta, e como). Este é o conceito mais poderoso e mais invisível para o estudante, e a obra é perfeita para revelá-lo. O romance é contado por um **narrador em terceira pessoa onisciente**: alguém que não é personagem, que sabe tudo (o passado do avô, o que Frida sente, o que o pai vai entender "muito mais tarde"), e que se dirige ao leitor com cumplicidade. Sinais de onisciência para mostrar à turma:

- O narrador **sabe o futuro dos personagens**: "Muito mais tarde o pai vai entender que era armadilha de amor."
- O narrador **entra na cabeça de todos**, não de um só: sabe o medo de Percival, a fome de Frida, o cansaço do pai.
- O narrador **conversa com quem lê e brinca com o tempo da história**: "Some também da nossa história, porque vão se passar sessenta e sete anos até alguém abrir aquele livro de novo."
- O narrador **tem opinião e emoção**, ele é cúmplice: quando Frida diz "o mundo não merece", o narrador comenta "e por um segundo a gente quase concorda com ela". Esse "a gente" é a assinatura de um narrador que puxa o leitor para dentro.

O contraste didático de ouro: o **filme** não tem esse narrador. No cinema, quem "conta" é a câmera, a montagem, a atuação, a trilha. A mesma cena (o menino correndo pelo túnel em 1932) chega ao leitor pela voz do narrador e ao espectador pela imagem e pelo som. Comparar os dois é a melhor aula possível sobre o que é ponto de vista narrativo, e sobre o que a literatura faz que nenhuma outra arte faz: entrar na mente.

O tempo, e as duas linhas temporais (1932 e 1999). A obra é construída sobre dois tempos que conversam. O **prólogo** se passa em 1932: Severino, adolescente, atravessa o Túnel da Mantiqueira em plena Revolução Constitucionalista, com o Grande Livro no peito. A **história principal** se passa em 1999: outro garoto, Percival, encontra o mesmo livro. Sessenta e sete anos separam os dois, e a obra costura essa distância com maestria:

- **A elipse (o salto no tempo).** Depois do prólogo, o narrador anuncia o salto: "vão se passar sessenta e sete anos até alguém abrir aquele livro de novo". A elipse é a arte de pular o que não precisa ser contado. Nomeie isso: nem toda a história cabe na página, e o narrador escolhe o que mostrar.
- **A analepse (o flashback).** Ao longo de 1999, o passado de 1932 volta em pedaços: a foto do avô jovem no museu, o relato do padeiro-soldado, as anotações do Grande Livro. A história do avô é contada fora de ordem, aos poucos, como quem monta um quebra-cabeça. Isso se chama analepse (retomada de um tempo anterior), e é o motor do suspense: a turma descobre o passado junto com as crianças.
- **A rima temporal.** A obra faz os dois tempos rimarem: em 1932, Severino corre pelo túnel apertando o livro no peito; em 1999, no clímax, Frida foge apertando o mesmo livro no peito "pela razão oposta". E há a "rima dos três homens que fecharam uma porta": o inventor que fechou a janela para não ver as bombas, o avô que se trancou na edícula, e Percival, que se tranca dentro de si mesmo. Ensinar a turma a enxergar essas rimas é ensinar que uma boa narrativa é tecida, não empilhada; os fios se respondem.

A dupla temporalidade também prepara a Sequência 2 (as cartas de 1932) e a Sequência 6 do caderno geral de História (a memória da cidade). Em Português, ela é o exemplo perfeito de **coerência**: dois tempos distantes fazem sentido juntos porque a obra constroi as pontes.

O espaço. Cruzeiro, "uma cidade pequena entre montanhas", não é cenário neutro: é personagem. A serra, o túnel, a edícula trancada, a casa que "cheira a anos fechada". O espaço carrega sentido (a edícula fechada é a solidão do avô; a mesma edícula, "com a porta escancarada" no fim, é a lição aprendida). Ensine a turma a ler o espaço como significado, não só como pano de fundo.

2. O gênero carta: escrever para alguém, de algum lugar, com uma voz

A carta é um dos gêneros mais ricos para ensinar escrita, porque tudo nela é escolha situada: quem escreve, para quem, de onde, por quê. No universo da obra, a carta ganha peso dramático, porque o avô Severino deixou recados escritos para quem viesse depois ("a palavra é a chave, aprendam a lê-la, eu aprendi tarde demais"), e porque a Sequência 2 pede que a turma escreva cartas de 1932, dos dois lados de uma guerra.

A estrutura da carta (os elementos, e o que cada um ensina).

- **Local e data (o cabeçalho):** ancoram a carta no tempo e no espaço. Numa carta de 1932, "Cruzeiro, 15 de julho de 1932" já carrega história.
- **Vocativo ou saudação (para quem escrevo):** "Querida mãe", "Meu irmão". A escolha do vocativo revela a relação e o tom.
- **Corpo (o que digo):** o coração da carta. Aqui entram o relato (o que vejo), a expressão (o que sinto), a argumentação (o que peço ou defendo).
- **Despedida e assinatura:** "Com saudade, Severino". Fecham o gesto.

A carta ensina o que os manuais chamam de situação de comunicação. Toda carta responde, mesmo sem dizer, a perguntas: qual a relação entre quem escreve e quem lê? O tom é íntimo ou formal? Qual o objetivo (contar, pedir, consolar, convencer)? Mudar o destinatário muda tudo: uma carta do jovem soldado à mãe é ternura e medo; a mesma notícia, numa carta ao comandante, seria relatório. Trabalhar isso é ensinar **adequação** (o registro certo para cada situação), um dos pilares da competência escritora.

A carta como exercício de ponto de vista e empatia. A Sequência 2 pede o passo mais fino: escrever a carta de alguém que pensa diferente de mim, e depois escrever a resposta que esse outro daria. Isso é "empatia histórica" em ato, e é também técnica literária pura: dar voz a uma consciência que não é a minha. É o mesmo que o narrador onisciente faz quando entra na cabeça de todos. A frase do veterano na obra ("não se odiavam, só estavam em lados diferentes de uma montanha") é a chave ética dessa escrita: escrever o outro sem transformá-lo em monstro.

Carta, e-mail, mensagem: o gênero muda de roupa, não de alma. Vale mostrar que a carta de papel de 1932, o e-mail de hoje e a mensagem de aplicativo são parentes: todos têm destinatário, propósito e tom. O que muda é o suporte e o grau de formalidade. Comparar uma carta manuscrita e um áudio de celular ensina que a escrita se adapta ao meio sem perder a espinha.

3. O verbete e o dicionário: a língua organizada e a autoria de definir

Alice coleciona palavras "compridas e difíceis" num caderninho, "com a definição do jeito dela". Essa é a semente de um dos exercícios mais completos de Português: escrever verbetes.

O que é um verbete. É a unidade do dicionário: a descrição organizada de uma palavra. Um verbete de dicionário costuma trazer:

- a **entrada** (a palavra em destaque);
- a **classe gramatical** (substantivo, adjetivo, verbo...);
- a **definição** (o significado, ou os significados numerados, quando há mais de um);
- muitas vezes a **origem** (etimologia) e um **exemplo de uso**.

Ler um verbete é uma habilidade, escrever um é outra. Ler ensina a turma a usar o dicionário de verdade: achar a palavra, entender as abreviaturas, escolher a acepção certa para o contexto (a mesma palavra pode ter cinco sentidos, e só um serve na frase que estou lendo). Escrever ensina precisão: definir é dizer o essencial de uma coisa em poucas palavras, sem circularidade (não vale definir "medo" como "sensação de ter medo"). É um exercício de rigor que treina o pensamento.

A definição autoral, o toque da Alice. O que torna o caderno de Alice literatura, e não cópia de dicionário, é a autoria: "melancólico, triste mas bonito, tipo música de domingo". Ela define com precisão (é uma tristeza) e com poesia (bonita, tipo música de domingo). Esse é o alvo mais alto da Sequência 1: um dicionário da turma em que cada verbete tem a exatidão de um dicionário e a voz de quem o escreveu. Ensine a diferença entre a **definição denotativa** (o sentido de dicionário, objetivo) e a **conotação** (as cores, os afetos, as associações que a palavra carrega). "Casa" denota

uma construção para morar; conota abrigo, família, origem. A obra inteira gira em torno de uma casa que muda de sentido: de "casa do velho maluco" a "a mais cheia da rua".

4. Etimologia e formação de palavras: de onde vêm as palavras, e como se fazem novas

Este é o aprofundamento em que a obra brilha, porque a palavra grega πάθος é, literalmente, a chave da história.

Etimologia: a biografia da palavra. Etimologia é o estudo da origem das palavras. Boa parte do nosso léxico vem do **latim** (herança direta, pela colonização e pela Igreja) e do **grego** (sobretudo nas palavras de ciência e técnica). Saber a origem é ganhar um raio-X do sentido:

- **pathos** (πάθος), do grego, significa "emoção, paixão, aquilo que se sente". É a raiz de **simpatia** (sofrer ou sentir *junto*, de *syn*, junto, mais *pathos*), **empatia** (sentir *dentro* do outro), **apatia** (*a*, sem, mais *pathos*: sem sentimento), **patologia** (o estudo do que "sofre", a doença). Uma raiz, uma família inteira. Na obra, o avô escreveu que a peça que faltava à máquina estava numa palavra grega; a peça era o *pathos*, a emoção. A etimologia não é curiosidade, é o enredo.
- **tecnologia** vem de *tékhne* (arte, técnica, saber fazer) mais *logos* (palavra, estudo, razão). Literalmente, o "estudo do saber fazer".
- **fotografia** vem de *phôs*, *photós* (luz) mais *graphé* (escrita): "escrever com luz". A obra ressoa isso, porque a alexandrita "guarda a luz e devolve a luz", e o cinema é, ele mesmo, escrita com luz.
- **biografia** é *bíos* (vida) mais *graphé*: "escrita da vida". **Geografia** é *gê* (terra) mais *graphé*: "escrita da terra".

Radicais gregos e latinos, o kit de montar sentido. Uma vez que a turma tem os radicais, ela decifra palavras que nunca viu, como Alice decifrava o grego letra por letra. Um pequeno arsenal (grego, salvo indicação): *bio* (vida), *geo* (terra), *tele* (longe), *foto* (luz), *grafo/grafia* (escrita), *logos/logia* (estudo, palavra), *tékhne* (técnica), *pathos* (emoção), *crono* (tempo), *hidro* (água), *auto* (próprio), *pan* (tudo), *micro* (pequeno), *macro* (grande); e do latim: *aqua* (água), *terra* (terra), *manu* (mão, como em manual, manuscrito), *scribere* (escrever, como em escrever, descrever, inscrição), *vídeo/vis* (ver, como em visão, televisão), *audio* (ouvir). Com esse kit, "cronologia" se abre sozinha (estudo do tempo), "hidrelétrica" também (força da água). É a experiência da Alice virada método de aula.

Formação de palavras: derivação e composição. A língua não é uma lista fechada; ela **fabrica** palavras. Dois processos centrais:

- **Derivação:** acrescentar afixos a uma palavra que já existe. Prefixo (antes): de "fazer", *desfazer*, *refazer*; de "possível", *impossível*. Sufixo (depois): de "invenção", *inventor*; de "amigo", *amigável*. A obra é uma fábrica de derivações a partir de "inventar": *inventor*, *invenção*, *inventivo*, *reinventar*.

- **Composição:** juntar palavras que já existem. Por justaposição (guarda-chuva, couve-flor) ou por aglutinação (planalto, de plano mais alto). O nome do robô, "Byte", e a "Ordem do Grande Livro das Invenções" (OGLI, uma sigla, que é outro modo de formar) dão gancho para falar de siglas e neologismos: como a língua batiza o que é novo. O próprio Byte "inventa" a voz dele, ou seja, cria linguagem, que é o que a língua viva sempre faz.

Neologismo e a língua viva. Quando Byte diz a primeira frase truncada ("O... que... eu...?") e depois grita "BYTE PROTEGE FAMÍLIA!", ele está formando a própria linguagem, do zero, com os recursos que tem. É uma metáfora perfeita de como a língua nasce e cresce: pela necessidade de dizer. Toda geração inventa palavras; ensinar isso tira o medo do "certo e errado" absoluto e coloca no lugar a ideia mais rica de **adequação** e de língua como algo vivo, histórico, em movimento.

5. Coesão, coerência e argumentação: o texto que se sustenta de pé

Se a etimologia é o tijolo, a coesão e a coerência são a argamassa e a planta da casa. São o que faz um texto ser texto, e não um monte de frases soltas.

Coerência: o sentido global. Um texto é coerente quando faz sentido como um todo, quando as partes não se contradizem e o leitor consegue montar na cabeça um quadro que fecha. A obra é uma aula de coerência de longo prazo: cada peça plantada no começo (o testamento estranho que amarra a casa, a pedra que muda de cor perto do Byte, a mania de Alice de decifrar o grego) **paga** no fim (o testamento era armadilha de amor; a pedra é a bateria da máquina; o grego decifrado é a chave). Nada é gratuito. Mostre à turma que num bom texto, como numa boa história, o que se diz no início precisa combinar com o que se diz no fim. Isso se chama, na narrativa, "plantar e colher" (setup e payoff), e é coerência em estado de arte.

Coesão: as costuras visíveis. Coesão é o conjunto dos recursos que amarram as frases umas às outras na superfície do texto:

- **Referência (retomar sem repetir):** usar pronomes e sinônimos para não repetir a mesma palavra. "Percival abriu o livro. **Ele** viu invenções." O "ele" costura a segunda frase à primeira. A obra retoma "o avô" como "o velho", "o homem das duas letras", "o guardião": cada retomada acrescenta uma cor. Ensine a evitar tanto a repetição pobre quanto a referência ambígua (quando não se sabe a quem o "ele" se refere).
- **Conectivos (as juntas do raciocínio):** *e, mas, porque, portanto, então, quando, embora, para que*. Cada um faz uma junta diferente: *mas* opõe, *porque* explica, *portanto* conclui, *quando* situa no tempo. Trocar o conectivo muda o sentido: "explodiu, **mas** nasceu o Byte" (contraste, esperança) diz algo diferente de "explodiu, **e** nasceu o Byte" (mera sequência). A frase-tema da obra vive de conectivo: "às vezes, o que não resolve nada, resolve tudo" só funciona pela oposição embutida.
- **Progressão:** o texto precisa **andar**, trazer informação nova a cada frase, sem ficar girando no mesmo lugar nem pular etapas.

Argumentação: convencer com razões. Argumentar é sustentar um ponto de vista com razões, exemplos e evidências, prevendo o que o outro poderia responder. A obra oferece uma tese e a defende com a história inteira: "a invenção mais poderosa do mundo é a única que ninguém constroi sozinho". Cada personagem que tenta sozinho (o inventor, o avô, Percival) é um argumento por contraexemplo; o círculo de mãos dadas no fim é a prova. Numa aula de argumentação, peça à turma que defenda ou conteste essa tese com razões da própria vida: quando "fazer sozinho" foi melhor? Quando foi pior? Isso liga a leitura literária à escrita argumentativa, que é a competência mais cobrada nos anos finais e no Ensino Médio.

6. Comunicação verbal e não verbal: o Byte, que fala por luz, som e movimento

Aqui está o aprofundamento mais original que esta obra oferece à aula de Português, e um dos mais importantes, porque desmonta a ideia de que "comunicar" é igual a "falar".

Byte não fala como gente, e mesmo assim comunica tudo. O robô "não tem braços" e passa a história "procurando um jeito de abraçar". A voz dele é rudimentar (a primeira frase é "O... que... eu...?"). E, no entanto, o público entende exatamente o que Byte sente, o tempo todo. Como? Por três linguagens não verbais:

- **A luz (a gramática de cores).** O peito do Byte muda de cor conforme a emoção, e essa é a linguagem mais eloquente dele. Azul é susto ou atenção. Verde é "tudo certo". Amarelo morno é orgulho e carinho. Vermelho suave é cuidado, nunca punição. Todas as cores de uma vez é comemoração pura (quando ele prova pipoca, "as luzes do peito disparam todas de uma vez"). Isso é um **código**: um sistema em que cada sinal (a cor) tem um significado combinado. Iguazinho a um semáforo, ou a um emoji. Ensinar a turma a "ler" o Byte é ensinar que comunicação é sinal mais significado, tenha ou não palavras.
- **O som.** Byte inventa sons para dizer o que sente: "há sons no mundo que só podem ser alegria". A entonação, o ritmo, o volume comunicam tanto quanto a palavra. É a mesma coisa que faz um "oi" soar animado ou seco na boca de uma pessoa: a prosódia.
- **O movimento e o gesto.** Byte "baixa o visor para um lado e para o outro", procurando os braços que não tem, e no fim "a antena estica-se devagar e toca a mão de Percival", o abraço que ele nunca pôde dar virado gesto. O corpo fala. Postura, gesto, direção do olhar: a linguagem corporal é texto.

Por que isso é aula de Português (e não só de artes). Porque comunicação é o núcleo da nossa disciplina, e a maior parte do que comunicamos, no dia a dia, é não verbal: o tom de voz, a cara, o gesto, o silêncio. A obra dá um laboratório perfeito para a turma perceber isso e, mais que perceber, **traduzir**: pegar uma mensagem não verbal (o Byte com o peito azul, cabeça baixa) e passá-la para palavras ("ele está com medo e se sente perdido"). Traduzir do não verbal para o verbal é um exercício de leitura e de escrita ao mesmo tempo, e prepara a competência de "ler" imagens, gráficos, expressões e situações, tão necessária no mundo de hoje. A Sequência 4 é dedicada a isso.

O silêncio também significa. Vale um comentário fino: na obra, os três homens que "fecham uma porta" (a janela, a edícula, o próprio coração) comunicam pelo silêncio e pelo fechamento. Não dizer é uma forma de dizer. Ensine que, num diálogo, o que o personagem cala pode pesar mais que o que ele fala. Isso é subtexto, e é o que separa a leitura ingênua da leitura madura.

7. Oralidade e roda de conversa: falar bem, escutar melhor

A oralidade é um objeto de conhecimento da BNCC que costuma ficar órfão na prática, tratado como se "todo mundo já sabe falar". Não sabe. Falar em público, argumentar numa roda, escutar de verdade e responder ao que o outro disse (e não ao que eu queria que ele tivesse dito) são habilidades que se ensinam.

A roda de conversa como gênero oral. A obra é feita de conversas que decidem tudo: as crianças "viram uma turma" conversando, o veterano do museu conta a guerra numa roda improvisada, e o clímax é literalmente uma roda, o círculo de mãos dadas em que cada um "põe ali o que tem de mais seu". A roda de conversa em sala tem regras que valem ensinar: um fala por vez, escuta-se até o fim, retoma-se o que o colega disse ("concordo com o que a Ana falou, e acrescento..."), respeita-se a divergência. A frase do veterano ("contem a alguém um dia") é a definição mais bonita de oralidade: o conhecimento que só vive se for dito e passado adiante.

Escuta ativa. Escutar não é esperar a vez de falar. É prestar atenção, guardar o que o outro disse e responder a isso. Ensine sinais de escuta ativa: olhar para quem fala, fazer uma pergunta sobre o que ele disse, resumir com as próprias palavras antes de discordar. Na Sequência 6 do caderno geral (a entrevista com os mais velhos), a escuta é a técnica central; em Português, a escuta é o que torna a roda de conversa uma construção coletiva de sentido, e não uma fila de monólogos.

Varição linguística e respeito. A obra reúne vozes muito diferentes: o menino da capital, a menina do interior, o veterano idoso, o pai engenheiro, a criança de oito anos. Cada um fala de um jeito, e nenhum jeito é "errado", são registros e variedades diferentes. Ensinar a turma a perceber e a respeitar a variação linguística (regional, geracional, de situação) é uma das lições éticas mais importantes de Português, e ela dialoga direto com a tese da obra: o saber, como a fala, não tem dono nem CEP.

8. Produção textual criativa: da leitura à autoria

Todo o caderno converge para um ato: a turma **escrever**. E a obra termina exatamente aí, com Percival diante do caderno em branco, molhando a pena para escrever "a parte que ainda não existe, a que cabe a ele". Não vemos o que ele escreve; vemos o rosto dele enquanto escreve. Essa imagem é o convite de todo o caderno: cada estudante é o próximo elo da corrente, o próximo a acrescentar a sua parte.

O processo de escrita (não é um jato, são etapas). Escrever bem quase nunca é acertar de primeira. Ensine a turma o processo, que é o mesmo do inventor: rascunhar, testar, refazer.

- **Planejar:** antes de escrever, decidir o quê, para quem, com que objetivo e com que voz. É a "lista de peças" do texto.
- **Rascunhar:** escrever a primeira versão sem medo, sabendo que ela vai mudar. O primeiro rascunho é o "protótipo".
- **Revisar e reescrever:** ler com olhos de leitor, cortar o que sobra, esclarecer o que ficou confuso, melhorar a coesão. Aqui mora a maior parte da qualidade. "O erro é esperado: testar, ajustar, refazer", como diz o método maker da obra, vale igualzinho para o texto.
- **Editar (revisão fina):** ortografia, acentuação, pontuação, concordância. A última passada, a do rigor.
- **Publicar:** dar o texto a um leitor de verdade (o mural, o livro da turma, o sarau). Texto que ninguém lê é ensaio; texto publicado é comunicação.

Autoria e voz. O que faz o caderno de Alice ser dela é a voz: um jeito próprio de dizer. Autoria não é escrever difícil, é escrever de um jeito que só aquela pessoa escreveria. Ensine a turma a buscar a própria voz (a comparação inesperada, o detalhe que só ela notou, o ritmo dela) em vez de imitar um "jeito escolar" sem dono. A obra premia isso: quem decifra a chave é a criança que definia palavras do jeito dela.

Da leitura à escrita, o ciclo completo. A melhor escrita nasce da melhor leitura. Quem leu como o narrador da obra brinca com o tempo aprende a brincar com o tempo no próprio texto. Quem sentiu como a obra planta e colhe aprende a plantar e colher. Ler bem é aprender a escrever; escrever é a prova de que se leu de verdade. Este caderno fecha esse ciclo em cada sequência.

Sequência 1: A palavra é a chave

Componentes	Língua Portuguesa, Arte
Faixa	4º ao 9º do EF (adaptável); pode ser projeto contínuo do ano; versão simplificada no EM como abertura de estudo de léxico
Duração	5 aulas
Agrupamento	individual e em duplas
Produto	dicionário etimológico ilustrado da turma
Tema transversal	Multiculturalismo e diversidade linguística

Pergunta geradora: De onde vêm as palavras, e como uma palavra pode ser a chave da maior invenção do mundo? **Perguntas de apoio:** Por que existem palavras compridas? Quem fabrica palavras novas? Uma palavra pode ser bonita? Como é que "escrever com luz" cabe dentro da palavra "fotografia"?

Conexão com a obra. Alice coleciona palavras compridas e difíceis num caderninho, com a definição do jeito dela (melancólico: triste mas bonito, tipo música de domingo). Quando acha na biblioteca do avô um velho dicionário de grego, decifra aquelas letras sozinha, símbolo por símbolo, semana após semana, sem mestre nenhum. É ela quem, no clímax, soletra a palavra $\pi\acute{\alpha}\theta\omicron\varsigma$ e descobre que faltava emoção, faltava amor. A palavra vira, literalmente, a chave da maior invenção da história, e quem a leu foi uma criança de oito anos. Nesta sequência, a mania de colecionar palavras vira método de aula.

Objetivos de aprendizagem.

- **Conceituais:** compreender a origem das palavras (radicais gregos e latinos), a estrutura do verbete e os processos de formação de palavras (derivação e composição); distinguir denotação de conotação.
- **Procedimentais:** investigar a etimologia; escrever definições com precisão e autoria; usar o dicionário com autonomia; ilustrar e diagramar um verbete.
- **Atitudinais:** encantar-se com a língua; valorizar a diversidade linguística; colaborar num produto coletivo de autoria.

BNCC.

- Competências gerais: 1 (conhecimento), 2 (pensamento científico, crítico e criativo), 3 (repertório cultural), 4 (comunicação).
- Língua Portuguesa (Análise linguística e semântica: léxico, morfologia, formação de palavras; o gênero verbete; produção textual). Arte (ilustração, diagramação e projeto gráfico).

- Tema Contemporâneo Transversal: Diversidade cultural e linguística.
- (Códigos de habilidade por ano e componente na versão da rede.)

Materiais. Dicionários (de língua e, se houver, etimológico), a lista de radicais gregos e latinos (ver aprofundamento 4), o trecho da obra (a cena da Alice e o *pathos*), o caderninho da Alice como modelo, materiais de ilustração e um espaço para montar o dicionário coletivo (mural, caderno ou arquivo digital).

Percurso


Aula 1, Sensibilização. ⌚ 50 min · 👥 turma e depois individual Leia ou exiba a cena da Alice decifrando o grego, e o momento em que ela soletra *pathos*. Conte que a palavra que faltava à máquina não era de metal: era uma palavra grega, e quem a leu foi uma criança. 💬 "A Alice não diz que melancólico é triste. Ela diz: triste mas bonito, tipo música de domingo. Qual é uma palavra que você acha bonita, e por quê?" 💬 "Se a maior invenção do mundo dependia de ler uma palavra, o que isso diz sobre a força de saber ler?" Cada estudante escolhe, no caderno, uma palavra comprida, curiosa ou bonita, para investigar. 👁️ Fique de olho em quem escolhe pelo som, quem escolhe pelo sentido e quem escolhe pela emoção: os três caminhos são bons e reaparecem no verbete.

Aula 2, Investigação (a caça à origem). ⌚ 50 min · 👥 duplas Apresente os radicais gregos e latinos como um "kit de montar sentido". Mostre ao vivo: *foto* é luz, *grafia* é escrita, então fotografia é "escrever com luz"; *bio* é vida, então biografia é "escrita da vida"; *pathos* é emoção, e daí vêm simpatia e empatia. As duplas caçam a origem das suas palavras na 📄 Ficha 1A, decompondo cada uma em radicais quando possível. 💬 "Se foto é luz e grafia é escrita, o que deve ser uma fotografia? E se bio é vida, o que é uma biografia? Vocês acabaram de ler grego, como a Alice." 👁️ Fique de olho em quem começa a decifrar palavras novas sozinho: é a experiência da Alice acontecendo na sala.

Aula 3, Investigação (como se fabricam palavras) e Produção (a definição autoral). ⌚ 50 min · 👥 individual Mostre que a língua fabrica palavras: derivação (de "inventar" vêm inventor, invenção, reinventar) e composição (guarda-chuva, e siglas como OGLI). Em seguida, cada estudante escreve a definição da sua palavra "do jeito da turma", como Alice: precisão de dicionário mais um toque de autoria. Diferencie a definição denotativa (o sentido objetivo) da conotação (as cores e afetos). Uma frase de exemplo com a palavra. 💬 "Definir é dizer o essencial em poucas palavras, sem enrolar. Mas o toque de vocês é o que a Alice tem: a comparação que só vocês fariam. Qual é a sua?"

Aula 4, Produção (ilustração, diagramação e montagem). ⌚ 50 min · 👥 individual e turma Cada estudante finaliza o verbete completo (entrada, classe gramatical, origem, definição autoral, frase de exemplo, ilustração) e a turma organiza o dicionário: ordem alfabética, padrão visual, capa e nome. 👁️ Fique de olho na diagramação: um verbete legível e bonito é comunicação, não enfeite.

Aula 5, Socialização (culminância). ⌚ 50 min · 👥 turma Lançamento do dicionário. Cada estudante lê em voz alta o seu verbete favorito, dizendo a origem e a definição autoral. A turma

escolhe a "palavra mais bonita do dicionário" e a "descoberta etimológica mais surpreendente". 
"Depois de fabricar este dicionário, o que vocês diriam sobre a pergunta do começo: como uma palavra pode ser uma chave?"

Diferenciação

- **Anos iniciais (4º e 5º):** palavras do cotidiano; foco no som, no significado e na ilustração; origem apresentada de forma simples ("esta palavra vem do grego e quer dizer..."); definição curta.
- **Anos finais (6º ao 9º):** radicais e famílias de palavras; classe gramatical e flexão; derivação e composição nomeadas; denotação e conotação; verbete completo com etimologia.
- **Ensino Médio:** aprofundar em campos semânticos, empréstimos e estrangeirismos, neologismos e a história social do léxico (por que as palavras de ciência vêm tanto do grego).

Ficha reproduzível

Ficha 1A, Meu verbete etimológico

- Palavra: _____
- Como ela soa e por que eu a escolhi: _____
- Origem e radicais (de onde vem, decompondo se der): _____
- Classe gramatical (substantivo, adjetivo, verbo...): _____
- Definição do jeito da turma (precisa e com a minha voz): _____
- Uma família de palavras parentes (mesma raiz): _____
- Uma frase minha com a palavra: _____
- Ilustração: _____

Produto final

O dicionário etimológico ilustrado da turma, com verbetes autorais em ordem alfabética, capa e nome. Pode virar projeto contínuo do ano, ganhando páginas a cada bimestre.

Rubrica de avaliação

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Investigação etimológica	Não identifica a origem	Identifica a origem em parte	Identifica radical e sentido	Decompõe a palavra e relaciona a uma família
Definição autoral	Copia o dicionário	Definição vaga ou circular	Definição clara e própria	Definição precisa e criativa, com voz e conotação
Domínio do verbete	Verbete incompleto	Faltam elementos	Verbete completo e organizado	Verbete completo, bem diagramado e com exemplo forte

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Colaboração	Trabalha isolado	Participa pouco	Contribui para o dicionário	Cuida do produto coletivo e ajuda os colegas

Autoavaliação do estudante

Marque de 1 a 4: Eu descobri de onde vem a minha palavra. Minha definição tem a minha voz, não é cópia. Eu sei o que é derivação e composição. Eu ajudei a montar o dicionário. Uma palavra nova que eu ameï: _____.

Com a família

Peça em casa uma palavra que só existe na sua família ou na sua região (um apelido, um regionalismo, uma palavra que a avó usa). Investigue a origem, se der. Toda casa tem um dicionário secreto, como o caderninho da Alice.

Conexões

Liga com a Sequência 4 (nomear em palavras as emoções que o Byte mostra sem falar) e com a Sequência 5 (escrever com clareza e precisão). Alimenta o sarau final com a leitura dos verbetes.

Sequência 2: Cartas dos dois lados da montanha

Componentes	Língua Portuguesa, História
Faixa	anos finais do EF
Duração	5 aulas
Agrupamento	individual na escrita, coletivo na curadoria
Produto	livro ou mural de cartas de 1932
Tema transversal	Educação em Direitos Humanos

Pergunta geradora: Como uma carta consegue dar voz a alguém, colocar quem lê dentro de outra pele e de outro tempo? **Perguntas de apoio:** O que muda numa carta conforme quem a recebe? Como escrever a voz de alguém que pensa diferente de mim? O que uma carta guarda que um relatório não guarda?

Conexão com a obra. No prólogo, o jovem Severino atravessa o Túnel da Mantiqueira em 1932, com o Grande Livro no peito, no meio de uma guerra em que brasileiros lutavam contra brasileiros. No museu, um veterano resume o conflito numa frase que as crianças nunca esquecem: não se odiavam, só estavam em lados diferentes de uma montanha. Ele não pede vingança, pede só que lembrem, e contem a alguém um dia. E o avô Severino deixa, na contracapa do livro, um recado escrito para quem viesse depois. A obra é feita de mensagens que atravessam o tempo. Aqui, a turma escreve as suas.

Objetivos de aprendizagem.

- **Conceituais:** dominar a estrutura e a situação de comunicação do gênero carta (local, data, vocativo, corpo, despedida, destinatário, propósito, registro); compreender ponto de vista, coesão e coerência na prática.
- **Procedimentais:** produzir uma carta com voz, contexto e adequação; construir a voz de um "outro"; revisar e reescrever.
- **Atitudinais:** exercer empatia; valorizar a memória e a reconciliação; escrever o outro sem transformá-lo em inimigo caricato.

BNCC.

- Competências gerais: 1, 4, 7 (argumentação), 9 (empatia e cooperação), 10 (responsabilidade).
- Língua Portuguesa (produção de texto: o gênero carta; ponto de vista; coesão e coerência; adequação de registro; reescrita). História (a Revolução Constitucionalista de 1932; a Era Vargas; fontes e memória), em interface.
- Tema Contemporâneo Transversal: Educação em Direitos Humanos.
- *(Códigos de habilidade por ano e componente na versão da rede.)*

Materiais. O trecho do museu e o prólogo do túnel; fontes de apoio (fotografias de 1932, mapa do Vale do Paraíba, a imagem do Túnel da Mantiqueira com marcas de bala); modelos de carta antiga; papel para as cartas (papel envelhecido, se possível, para a experiência ganhar corpo).

Percurso

Aula 1, Sensibilização e o gênero. ⌚ 50 min · 👥 turma Leia o prólogo (Severino no túnel) e a frase do veterano. Apresente 1932 no tempo e no mapa apenas o necessário para situar (o caderno de História aprofunda o contexto). Foco de Português: o que é uma carta, e por que uma carta guarda o que um relatório não guarda. Analise a estrutura (local e data, vocativo, corpo, despedida) e a situação de comunicação (quem escreve, para quem, com que tom). 💡 "Um jovem soldado escrevendo à mãe, e o mesmo jovem escrevendo ao comandante: muda o quê? O que a carta à mãe pode dizer que a carta ao comandante não diz?"

Aula 2, Investigação (a voz e o ponto de vista). ⌚ 50 min · 👥 duplas A turma conhece dois personagens fictícios em lados opostos (por exemplo, um jovem paulista e um jovem soldado do governo, ou uma mãe e um ferroviário). Discutem a frase do veterano: se não se odiavam, como escrever cada lado com humanidade? Cada estudante preenche a 📄 Ficha 2A "Quem sou eu em 1932", construindo a voz do seu personagem (idade, lado, medo, quem ama). 💡 "Escrever a voz de alguém não é imitar o sotaque. É saber o que essa pessoa mais teme e o que ela mais ama. Descubram isso antes de escrever a primeira palavra."

Aula 3, Produção I (a carta). ⌚ 50 min · 👤 individual Cada estudante assume um lado e escreve uma carta a alguém de casa, seguindo o 📄 Roteiro 2B: local e data, saudação, corpo (o que vejo, o que sinto, o que temo, o que espero), despedida. Foco na coesão (conectivos que amarram o relato) e no registro adequado à época e à relação. 👁️ Fique de olho em quem consegue sustentar uma voz coerente do começo ao fim: coerência de voz é o alvo desta aula.

Aula 4, Produção II (a troca) e reescrita. ⌚ 50 min · 👥 duplas As cartas são trocadas entre "lados". Cada estudante escreve a resposta que aquele destinatário daria, percebendo a humanidade do outro. Em seguida, cada um revisa a própria carta (clareza, coesão, ortografia) e reescreve o que precisar. 💡 "Agora vocês vão escrever com a voz do inimigo, que não é inimigo nenhum. Consegue fazer a gente sentir o medo dele também?" 👁️ Fique de olho em quem dá voz genuína ao "outro lado": é o coração desta sequência.

Aula 5, Socialização (culminância). ⌚ 50 min · 👥 turma Curadoria coletiva: as cartas viram um livro ou mural, "as cartas dos dois lados da montanha". Leitura em voz alta de algumas. Roda de conversa. 💡 "O veterano pediu só que a gente lembrasse e contasse a alguém. Escrever estas cartas foi um jeito de cumprir esse pedido?"

Diferenciação

- **6º e 7º:** foco na narrativa pessoal e no sentimento; roteiro mais guiado; menos exigência de contexto histórico, mais de voz.
- **8º e 9º:** foco na argumentação (o personagem defende o seu lado com razões), na comparação de registros e na análise das causas; coesão mais elaborada.

- **Nota de sensibilidade:** o foco é a memória e a reconciliação, nunca a glorificação da guerra. A frase do veterano é a bússola.

Fichas reprodutíveis

Ficha 2A, Quem sou eu em 1932

- Meu nome e minha idade: _____
- De que lado eu estou, e por quê: _____
- O que eu faço nesta guerra: _____
- Quem eu amo e deixei em casa: _____
- O que eu mais temo: _____
- Um jeito meu de falar (uma expressão, um modo): _____

Roteiro 2B, A minha carta

- Cabeçalho (local e data): _____
- Saudação (para quem escrevo, e com que tom): _____
- Corpo (o que vejo, o que sinto, o que temo, o que espero): _____
- Despedida e assinatura: _____
- Revisão (li em voz alta? a voz é coerente? a ortografia está certa?): _____

Produto final

O livro ou mural "As cartas dos dois lados da montanha", com as cartas e as respostas, em curadoria coletiva.

Rubrica de avaliação

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Domínio do gênero carta	Sem estrutura	Estrutura frágil, falta elemento	Carta completa, com todos os elementos	Carta que usa a estrutura com intenção e voz
Ponto de vista e empatia	Ignora o outro lado	Voz única e rasa	Constroi um ponto de vista coerente	Faz sentir os dois lados com humanidade
Coesão e coerência	Frases soltas	Costura frágil	Texto coeso e coerente	Coesão elegante, voz sustentada do início ao fim
Reescrita e revisão	Não revisa	Corrige pouco	Revisa e melhora	Reescreve com critério e ganho claro de qualidade

Autoavaliação do estudante

Marque de 1 a 4: Minha carta tem todos os elementos do gênero. Eu consegui imaginar e escrever o outro lado. Minha carta tem voz e sentimento. Eu revisei e melhorei o meu texto. Uma pergunta

que ainda tenho sobre 1932: _____.

Com a família

Pergunte em casa se alguém guarda uma carta antiga, um bilhete, uma mensagem que ficou. Traga o relato (não precisa trazer a carta). Nem toda memória sai nos livros; muita fica numa gaveta.

Conexões

Liga com a Sequência 3 (o mesmo prólogo, agora como objeto de leitura literária) e com o caderno de História (a memória de 1932 e da cidade). Alimenta o sarau final com a leitura das cartas.

Sequência 3: Como se conta esta história

Componentes	Língua Portuguesa (Literatura)
Faixa	8º e 9º do EF e Ensino Médio
Duração	5 a 6 aulas
Agrupamento	individual na leitura, coletivo na roda; duplas na análise
Produto	ensaio-resenha do estudante e roda de leitura da turma
Tema transversal	Vida familiar e social

Pergunta geradora: Quem está contando esta história, e como as escolhas de quem conta mudam o que a gente sente? **Perguntas de apoio:** Como o narrador sabe o que cada personagem pensa? Por que a história pula de 1932 para 1999 e volta? Que personagem muda mais, e o que faz a gente perceber essa mudança? O que a leitura faz que o filme não faz?

Conexão com a obra. A obra é um romance de aventura contado por um narrador que sabe tudo e conversa com quem lê ("some também da nossa história", "a gente quase concorda com ela"). Ela tece duas linhas temporais, 1932 e 1999, que rimam uma na outra, e acompanha personagens que se transformam: Percival, que aprende a não fazer tudo sozinho; Maria, que aprende a confiar; Arnaldo, que reencontra o menino cientista que foi. Ler essa história por dentro, percebendo como ela é feita, é a mais rica das aulas de literatura, e ela existe porque a obra é generosa: quase todo conceito tem ali um exemplo vivo.

Objetivos de aprendizagem.

- **Conceituais:** reconhecer e analisar enredo, narrador (foco narrativo, onisciência), personagens (planos e redondos, arco de transformação), tempo (as duas linhas temporais, elipse e analepse) e espaço como sentido.
- **Procedimentais:** ler literatura com atenção aos recursos; sustentar uma interpretação com evidências do texto; escrever um ensaio-resenha; participar de roda de leitura com escuta ativa.
- **Atitudinais:** ler pelo prazer e pela descoberta; respeitar interpretações diferentes; perceber a literatura como um jeito único de conhecer o outro por dentro.

BNCC.

- Competências gerais: 1, 3 (repertório cultural), 4, 9.
- Língua Portuguesa (Leitura e Literatura: elementos da narrativa, foco narrativo, tempo, personagem; o gênero resenha; oralidade na roda de leitura; comparação entre linguagens, literária e cinematográfica).
- Tema Contemporâneo Transversal: Vida familiar e social.
- *(Códigos de habilidade por ano e componente na versão da rede.)*

Materiais. Trechos-chave do livro (o prólogo de 1932; a chegada da família em 1999; o narrador anunciando o salto de sessenta e sete anos; a explosão e o nascimento do Byte; a transformação de Percival no clímax); se possível, a cena equivalente no filme, para a comparação de linguagens; a Ficha 3A e o roteiro do ensaio.

Percurso

Aula 1, Sensibilização (a voz que conta). ⌚ 50 min · 👥 turma Leia em voz alta o prólogo e o momento em que o narrador anuncia o salto no tempo ("some também da nossa história, porque vão se passar sessenta e sete anos"). Pergunte quem está falando ali. 💬 "Reparem: essa voz sabe o futuro, sabe o que vai acontecer daqui a sessenta e sete anos, e ainda conversa com a gente. Quem é essa voz? Ela é um personagem? Como ela sabe de tudo?" Apresente o conceito de narrador onisciente em terceira pessoa, com os sinais tirados do próprio trecho. 👁 Fique de olho em quem percebe que o narrador tem opinião e emoção (o "a gente quase concorda com ela"): é a chave da onisciência cúmplice.

Aula 2, Investigação (o tempo em duas linhas). ⌚ 50 min · 👥 duplas Compare o prólogo (1932) com a chegada da família (1999). As duplas mapeiam, na Ficha 3A, as duas linhas temporais: o que acontece em cada uma, e como elas se conectam (a foto do avô no museu, o relato do veterano, o livro). Nomeie a elipse (o salto) e a analepse (o passado que volta em pedaços). 💬 "A história do avô não é contada de uma vez, ela volta aos pedaços, fora de ordem. Por que será que o autor escolheu contar assim, e não do começo ao fim?"

Aula 3, Investigação (personagens que mudam). ⌚ 50 min · 👥 duplas Foco no arco de transformação. As duplas escolhem um personagem redondo (Percival, Maria ou Arnaldo) e rastreiam a mudança: como ele era no começo, o que o faz mudar, como ele fica no fim. Contraste com um personagem plano (Pardal). Comparem o instante exato da virada de Percival ("eu não consigo sozinho, eu preciso de vocês"). 👁 Fique de olho em quem traz evidência do texto para provar a mudança: interpretar é apontar no texto, não adivinhar.

Aula 4, Investigação (livro e filme, dois jeitos de contar). ⌚ 50 min · 👥 turma Se possível, compare a mesma cena no livro e no filme. No livro, quem conta é o narrador (que entra na cabeça dos personagens e brinca com o tempo); no filme, quem "conta" é a câmera, a montagem, a atuação, a trilha. Discuta o que cada linguagem faz de único. Comente que o livro usa travessão para marcar as falas (norma da nossa literatura), enquanto o filme usa legenda e som. 💬 "O livro consegue dizer o que Percival pensa por dentro. O filme mostra o rosto dele e a gente adivinha. Qual dos dois te deixou mais perto do personagem, e por quê?"

Aula 5, Produção (o ensaio-resenha). ⌚ 50 min · 👥 individual Cada estudante escreve um ensaio-resenha curto: uma interpretação pessoal da obra sustentada por evidências (o narrador, uma linha temporal, um arco de personagem). Não é um resumo, é uma leitura defendida com argumentos. Planejamento, rascunho e revisão.

Aula 6, Socialização (roda de leitura). ⌚ 50 min · 👥 turma Roda de leitura: cada estudante apresenta uma ideia do seu ensaio e a turma conversa, com escuta ativa (retomar o que o colega disse antes de acrescentar). Fecha com a pergunta geradora. 💬 "Depois de ler por dentro, o que

vocês descobriram sobre como esta história foi feita, que não tinham notado numa primeira leitura?"

Diferenciação

- **8º e 9º:** foco em identificar e nomear os elementos da narrativa com apoio; ensaio-resenha mais guiado por roteiro.
- **Ensino Médio:** aprofundar em foco narrativo (comparar com um hipotético narrador-personagem em primeira pessoa: como a história mudaria?), tempo do discurso versus tempo da história, e a leitura comparada livro-filme como estudo de linguagens; ensaio mais autoral.

Ficha reproduzível

Ficha 3A, Como esta história é feita

- Quem conta (narrador): 1ª ou 3ª pessoa? Sabe tudo? Conversa com o leitor? Uma prova no texto: _____
- Linha temporal A (1932): o que acontece: _____
- Linha temporal B (1999): o que acontece: _____
- Como as duas se conectam: _____
- Personagem que mais muda: _____ · Como era: _____ · O que o mudou: _____ · Como ficou: _____
- Uma frase da obra que prova a mudança: _____
- Uma coisa que só a leitura (não o filme) me deu: _____

Produto final

O ensaio-resenha de cada estudante e a roda de leitura da turma. Os melhores ensaios podem virar um "caderno de leituras" da turma.

Rubrica de avaliação

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Análise dos elementos da narrativa	Não reconhece os elementos	Reconhece um ou outro	Reconhece narrador, tempo e personagem	Analisa os recursos e explica o efeito deles
Interpretação com evidência	Opinião sem base	Cita o texto de leve	Sustenta a leitura com trechos	Interpreta com finura e evidência bem escolhida
Ensaio-resenha (escrita)	Resumo confuso	Resenha frágil	Resenha clara e organizada	Ensaio autoral, coeso e persuasivo
Roda de leitura (oralidade)	Não participa	Escuta pouco	Participa e argumenta	Escuta ativa que faz a conversa avançar

Autoavaliação do estudante

Marque de 1 a 4: Eu sei explicar quem conta a história e como. Eu percebi as duas linhas temporais e como elas se ligam. Eu defendi a minha leitura com trechos do texto. Eu escutei os colegas na roda. Uma descoberta que a leitura por dentro me deu: _____.

Com a família

Pergunte em casa qual é a história (livro, filme, novela, caso) que a família nunca cansa de recontar. Quem costuma ser o "narrador" dessa história em casa, e como ele conta? Traga o relato.

Conexões

Liga com a Sequência 2 (o prólogo de 1932, aqui lido como literatura) e com a Sequência 4 (Byte como personagem que se comunica sem palavras). É o coração literário do caderno.

Sequência 4: Quem fala sem palavras

Componentes	Língua Portuguesa, Arte
Faixa	6º ao 9º do EF
Duração	4 aulas
Agrupamento	duplas e grupos
Produto	guia "traduzir o Byte" e uma cena escrita a partir de mensagens não verbais
Tema transversal	Ciência e Tecnologia; Multiculturalismo (as muitas linguagens)

Pergunta geradora: Como o Byte, que fala por luz, som e movimento, e nunca por palavras, consegue comunicar tudo o que sente? **Perguntas de apoio:** O que é comunicar? Precisa de palavra para comunicar? Como eu passo para palavras uma mensagem que veio de um gesto, de um olhar, de uma cor?


Conexão com a obra. O Byte não tem braços e passa a história inteira procurando um jeito de abraçar. A voz dele é rudimentar (a primeira frase é "O... que... eu...?"). E, no entanto, o público entende exatamente o que ele sente, porque ele comunica por três linguagens: a luz (o peito muda de cor, azul de susto, verde de "tudo certo", amarelo de carinho, todas as cores de comemoração), o som (ele inventa sons que "só podem ser alegria") e o movimento (no fim, a antena estica-se e toca a mão de Percival, o abraço que ele nunca pôde dar). O Byte é o melhor professor de comunicação não verbal que uma turma pode ter.

Objetivos de aprendizagem.

- **Conceituais:** distinguir comunicação verbal de não verbal; compreender a noção de código (sinal mais significado); reconhecer a linguagem corporal, a entonação e a cor como portadoras de sentido.
- **Procedimentais:** "ler" (interpretar) mensagens não verbais e traduzi-las em palavras; descrever com precisão; escrever uma cena narrativa a partir de sinais não verbais.
- **Atitudinais:** valorizar as muitas linguagens; perceber que grande parte do que comunicamos não é falado; ler o outro com atenção e cuidado.

BNCC.


- Competências gerais: 1, 2, 4, 5 (cultura digital, na interface com a linguagem das telas).
- Língua Portuguesa (linguagem verbal e não verbal; multissemiose; leitura de imagem e de sinais; descrição; produção de narrativa). Arte (a linguagem visual e corporal).
- Tema Contemporâneo Transversal: Ciência e Tecnologia.
- *(Códigos de habilidade por ano e componente na versão da rede.)*

Materiais. Trechos da obra com o Byte (o nascimento e o "O... que... eu...?"; a descoberta da pipoca; o gesto final da antena); a "gramática de cores" do Byte (ver aprofundamento 6 e a plataforma de IA do Byte); a  Ficha 4A "Tradutor do Byte"; se houver, exemplos de emojis, semáforos e placas para comparar códigos.

Percurso

Aula 1, Sensibilização (comunicar sem falar). ⌚ 50 min · 👥 turma e duplas Exiba ou leia o nascimento do Byte e a cena da pipoca, em que "as luzes do peito disparam todas de uma vez". Pergunte como a turma sabe o que o Byte sente, se ele mal fala. 💬 "O Byte quase não usa palavras, e mesmo assim a gente entende tudo. Como? Que linguagens ele usa no lugar da palavra?" Em duplas, listem três coisas que a gente comunica no dia a dia sem falar (um sorriso, um silêncio, uma cara fechada). 👁️ Fique de olho em quem já percebe que o tom de voz e o gesto dizem tanto quanto a palavra.

Aula 2, Investigação (o código do Byte). ⌚ 50 min · 👥 duplas Apresente a "gramática de cores" como um código: cada cor tem um significado combinado (azul, atenção; verde, tudo certo; amarelo, carinho; vermelho suave, cuidado; todas as cores, comemoração). Compare com outros códigos que a turma já lê sem pensar: o semáforo, os emojis, as placas. As duplas caçam, em cenas da obra, o que cada luz, som e gesto do Byte quer dizer. 💬 "Um semáforo comunica sem falar, e vocês obedecem. O peito do Byte é um semáforo de sentimentos. Que código a gente usa no celular que também é luz e cor virando emoção?"

Aula 3, Produção (traduzir o Byte para palavras). ⌚ 50 min · 👥 individual Cada estudante escolhe um momento do Byte e o **traduz** para palavras na  Ficha 4A: descreve o que o Byte faz (a cor, o som, o gesto) e escreve, em texto, o que ele está sentindo e comunicando. Traduzir do não verbal para o verbal é o exercício central: ler uma linguagem e reescrevê-la em outra. 💬 "Peguem o Byte de peito azul e cabeça baixa, procurando os braços que não tem, e escrevam em palavras o que ele está sentindo. Vocês são os tradutores dele."

Aula 4, Produção e Socialização (a cena e o guia). ⌚ 50 min · 👥 grupos e turma Cada grupo escreve uma cena curta (narrativa) em que um personagem comunica algo importante sem usar palavras, só com gesto, olhar, tom e silêncio, e outro personagem "lê" essa mensagem. A turma reúne as traduções da Aula 3 num "Guia para traduzir o Byte" e lê as cenas em voz alta. 💬 "Escrever a comunicação não verbal é o desafio de todo escritor: mostrar o sentimento pelo gesto, não pela palavra 'ele estava triste'. Consegue fazer a gente sentir sem dizer o nome do sentimento?"

Diferenciação

- **6º e 7º:** foco em identificar e nomear as linguagens não verbais; tradução em frases curtas; cena simples.
- **8º e 9º:** aprofundar em "mostrar, não contar" na escrita (expressar emoção pelo gesto e pelo detalhe, sem nomear o sentimento); analisar o subtexto (o que o personagem cala); cena com mais camadas.

Ficha reprodutível

Ficha 4A, Tradutor do Byte

- Momento do Byte que escolhi: _____
- O que ele faz (a cor da luz, o som, o gesto, o movimento): _____
- O que isso comunica (traduzido em palavras): _____
- A emoção por trás: _____
- Uma frase minha que mostra essa emoção sem dizer o nome dela: _____

Produto final

O "Guia para traduzir o Byte" (as mensagens não verbais do robô passadas a palavras) e as cenas escritas pela turma, em que se comunica sem falar.

Rubrica de avaliação

Critério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Distinção verbal e não verbal	Confunde os dois	Distingue com ajuda	Distingue e dá exemplos	Explica o código e o efeito de cada linguagem
Tradução (não verbal para verbal)	Não traduz	Tradução vaga	Traduz com clareza	Traduz com precisão e sensibilidade
Escrita "mostrar, não contar"	Só nomeia o sentimento	Nomeia e descreve pouco	Mostra pelo gesto às vezes	Faz sentir a emoção sem nomeá-la
Colaboração e leitura em voz alta	Não participa	Participa pouco	Contribui e lê	Lê com expressão e ajuda o grupo

Autoavaliação do estudante

Marque de 1 a 4: Eu sei a diferença entre comunicação verbal e não verbal. Eu consegui traduzir o Byte para palavras. Na minha cena, eu mostrei o sentimento sem dizer o nome dele. Eu li em voz alta com expressão. Uma coisa que eu comunico sem falar: _____.

Com a família

Em casa, observe como alguém da família comunica algo sem falar (um suspiro, um olhar, um jeito de fechar a porta). Escreva em uma frase o que aquilo "disse". Traga para a turma.

Conexões

Liga com a Sequência 1 (nomear em palavras as emoções, como o dicionário da Alice) e com a plataforma de IA do Byte (a "gramática de luz" é a mesma da interface, ver o blueprint em `../plataforma-byte-ia/COMO_CONSTRUIR_O MOCKUP.md`). Prepara o "mostrar, não contar" que serve a toda a escrita criativa.

Sequência 5: Escrever claro, pensar junto

Componentes	Língua Portuguesa, Cultura digital (transversal)
Faixa	6º ao 9º do EF e Ensino Médio
Duração	4 aulas
Agrupamento	duplas
Produto	guia "escrita clara da turma" e as regras de ouro para conversar com uma IA
Tema transversal	Ciência e Tecnologia; Cultura digital

Pergunta geradora: Como escrever com tanta clareza que qualquer um, gente ou máquina, entenda de primeira, e como conferir se o que li é verdade? **Perguntas de apoio:** Por que um pedido claro rende uma resposta melhor? O que faz um texto ser fácil de entender? Como eu confiro uma informação antes de acreditar nela?

Conexão com a obra. O Byte, na plataforma de IA do universo, é o tutor que ensina a garotada a usar inteligência artificial com curiosidade, senso crítico e segurança, e ele fala "do jeito dele": frases curtas, primeira pessoa, metáforas concretas, nunca jargão sem explicar. Essa é a definição de escrita clara. E a obra inteira gira em torno de ler bem e conferir: Alice não aceita o grego de qualquer jeito, ela decifra símbolo por símbolo e confere; Percival aprende, tarde, que fazer sozinho e sem conferir com os outros leva à explosão. Escrever claro e conferir antes de crer são as duas competências desta sequência. Ver a plataforma de IA do Byte em `../plataforma-byte-ia/COMO_CONSTRUIR_O MOCKUP.md`.

Objetivos de aprendizagem.

- **Conceituais:** compreender o que torna um texto claro (frase curta, ordem direta, palavra precisa, contexto suficiente); entender o que é um bom pedido (prompt) como caso extremo de escrita clara; reconhecer a checagem de informação como parte de ler.
- **Procedimentais:** reescrever um texto confuso em texto claro; escrever um pedido claro e com contexto; verificar uma informação em outra fonte; dar crédito.
- **Atitudinais:** valorizar a clareza como respeito ao leitor; usar tecnologia com senso crítico, ética e segurança; nunca colar, sempre conferir.

BNCC.

- Competências gerais: 1, 2, 4, 5 (cultura digital), 7 (argumentação), 10.
- Língua Portuguesa (escrita clara e reescrita; curadoria e checagem da informação; adequação ao interlocutor). Cultura digital (uso crítico, ético e seguro das tecnologias).
- Tema Contemporâneo Transversal: Ciência e Tecnologia.
- *(Códigos de habilidade por ano e componente na versão da rede.)*

Materiais. A persona do Byte "escrita clara" (frases curtas, primeira pessoa, metáfora concreta, ver o blueprint da plataforma); exemplos de textos confusos para reescrever; a plataforma do Byte (ou o roteiro e as telas do mockup) usada de forma supervisionada, ou uma simulação; as fichas 5A e 5B.

Percurso

Aula 1, Sensibilização (o que é escrita clara). ⌚ 50 min · 👥 turma Mostre como o Byte fala: "Byte adora essa pergunta!", frases curtas, metáforas de oficina, nada de jargão. Compare com um texto empolado e confuso que diz a mesma coisa. Pergunte qual dos dois se entende de primeira, e por quê. 💬 "O Byte explica IA dizendo: 'você aprendeu o que é um gato depois de ver vários'. Nenhuma palavra difícil, e a gente entende na hora. O que ele fez para ficar tão claro?" A turma levanta os "ingredientes da clareza": frase curta, ordem direta, palavra precisa, exemplo concreto.

Aula 2, Investigação (o pedido claro é escrita clara ao extremo). ⌚ 50 min · 👥 duplas Compare um pedido vago ("me fala de história") com um claro ("me explique em três frases, para um estudante do 8º ano, por que houve a Revolução de 1932"). As duplas melhoram pedidos na 📄 Ficha 5A, acrescentando contexto e objetivo. 💬 "Falar claro com uma máquina é o mesmo que falar claro com uma pessoa distraída: quanto mais preciso o pedido, melhor a resposta. Qual dos dois pedidos vocês fariam, e por quê?"

Aula 3, Investigação (conferir antes de crer). ⌚ 50 min · 👥 duplas Mostre uma informação errada ou inventada (uma resposta plausível mas falsa, ou uma "notícia" duvidosa). Ensine a conferir em outra fonte confiável e a distinguir fato de invenção, usando a 📄 Ficha 5B "Detetive de informação". Ligue com a obra: Alice confere o grego símbolo por símbolo; conferir é parte de ler. 👁️ Fique de olho em quem aceita tudo sem conferir: virar esse hábito é o alvo da aula.

Aula 4, Produção e Socialização (os dois guias). ⌚ 50 min · 👥 duplas e turma Cada dupla reescreve um texto confuso em texto claro (aplicando os ingredientes da Aula 1) e a turma produz e assina duas coisas: o "Guia de escrita clara da turma" e as "Regras de ouro para conversar com uma IA" (escrever claro; conferir sempre; nunca dar dados pessoais; usar para aprender e dar crédito, não para colar; ser gentil). 💬 "Se escrever claro é respeitar quem lê, e conferir é respeitar a verdade, quais são as regras que a nossa turma vai seguir, com gente e com máquina?"

Diferenciação

- **Anos finais (6º ao 9º):** foco nos ingredientes da clareza, no pedido claro e na checagem simples.
- **Ensino Médio:** aprofundar em coesão e concisão (cortar o que sobra), em vieses e limites de um modelo de linguagem por alto, e na ética do uso de IA na escola e no trabalho (autoria, crédito, plágio).

📄 Fichas reproduzíveis

Ficha 5A, Antes e depois do pedido

- Pedido vago: _____
- Pedido melhorado (com contexto, objetivo e interlocutor): _____
- O que melhorou na resposta esperada: _____

Ficha 5B, Detetive de informação

- A informação diz: _____
- Onde eu conferi (fonte): _____
- É verdade? () sim () não () em parte
- O que eu concluí, e por quê: _____

Produto final

O "Guia de escrita clara da turma" e as "Regras de ouro para conversar com uma IA", assinados pela turma; e a reescrita de um texto confuso em texto claro.

Rubrica de avaliação

Crítério	1 Em início	2 Em desenvolvimento	3 Adequado	4 Excelente
Escrita clara e reescrita	Texto confuso	Melhora pouco	Reescreve com clareza	Reescrita clara, concisa e precisa
Qualidade do pedido (prompt)	Pedido vago	Pedido simples	Pedido claro e com contexto	Refina o pedido pensando no interlocutor
Verificação crítica	Aceita tudo	Confere às vezes	Confere em outra fonte	Identifica o erro e corrige com fonte
Ética e segurança	Ignora	Segue com lembrete	Segue as regras	Lidera pelo exemplo e explica o porquê

Autoavaliação do estudante

Marque de 1 a 4: Eu sei o que deixa um texto claro. Eu melhorei um pedido com contexto. Eu confiro antes de acreditar. Eu sei usar tecnologia com ética e segurança. Uma regra de ouro que eu levo para a vida: _____.

Segurança e privacidade (leia antes)

O uso de qualquer ferramenta de IA é sempre supervisionado pelo professor, sem contas pessoais das crianças, respeitando a LGPD. Nenhum dado de menor entra na ferramenta. O objetivo é formar juízo e clareza de escrita, não expor a criança. O mockup da plataforma do Byte funciona sem coleta de dados e serve à demonstração.

Conexões

Liga com a Sequência 4 (o Byte que se comunica com clareza, verbal e não verbal) e com a Sequência 1 (a palavra precisa). Alimenta toda a escrita do caderno com o princípio da clareza.

O sarau e a feira: "O Laboratório da Palavra"

As cinco sequências podem convergir num evento de escola que reúne todos os produtos num só dia, o gêmeo literário da grande feira do caderno geral:

- **A estante** lança o dicionário etimológico da turma (Seq. 1).
- **A parede da memória** expõe as cartas dos dois lados da montanha (Seq. 2).
- **A roda de leitura** apresenta os ensaios-resenha e a discussão da obra (Seq. 3).
- **O palco da voz** encena as cenas de comunicação não verbal e a leitura expressiva do "Guia para traduzir o Byte" (Seq. 4).
- **O balcão da clareza** exhibe o guia de escrita clara e as regras de ouro para usar IA (Seq. 5).

O sarau vira a socialização final: as famílias e a comunidade entram no laboratório da palavra. Cada estudante lê, em voz alta, um texto que escreveu. É a edícula de porta aberta, agora feita de vozes: o conhecimento que só vive quando é dito e passado adiante, como pediu o veterano.

Avaliação no caderno inteiro

- **Por evidência, não por prova.** O aprendizado se mostra no texto produzido e no percurso (as fichas, os rascunhos, a reescrita, a leitura em voz alta), com foco na autoria, na clareza e no protagonismo do estudante como leitor e como autor.
 - **A reescrita conta tanto quanto o texto final.** Em Língua Portuguesa, o ganho entre o rascunho e a versão final é a melhor evidência de aprendizado. Guarde as duas versões e avalie o movimento.
 - **Três olhares.** Cada sequência combina a rubrica do professor, a autoavaliação do estudante e a socialização (o olhar dos colegas e da comunidade na roda ou no sarau).
 - **Rubrica em quatro níveis** (em início, em desenvolvimento, adequado, excelente), sempre com descritores, para tornar o critério transparente ao estudante desde o começo. Compartilhe a rubrica antes da produção, não depois: o estudante escreve melhor quando sabe o que se espera.
-

Acessibilidade: o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) na aula de língua

Cada sequência oferece múltiplos caminhos, para que nenhuma criança fique de fora da palavra. Os três princípios do DUA, aplicados a Língua Portuguesa:

- **Múltiplos meios de representação:** apresente o texto sempre em mais de um formato (o texto escrito, a leitura em voz alta pelo professor, o áudio, a imagem, o trecho do filme com legenda descritiva, audiodescrição e Libras). Um estudante com dificuldade de decodificação entra pela escuta; um estudante surdo entra pela Libras e pela legenda.
 - **Múltiplos meios de ação e expressão:** aceite o produto e o registro em formatos variados. Um verbete pode ser escrito, gravado em áudio ou ilustrado; uma carta pode ser manuscrita, digitada ou ditada; uma resenha pode virar um vídeo curto. O importante é a competência demonstrada, não o suporte único.
 - **Múltiplos meios de engajamento:** dê escolha (a palavra, o personagem, o lado da carta, o momento do Byte), conecte ao repertório do estudante (a palavra da própria família, a história que se reconta em casa) e trabalhe em duplas e grupos com papéis definidos.
-

Modelo de plano de aula de Língua Portuguesa (em branco, para copiar)

- Sequência e aula: _____
 - Objetivo de língua ou de leitura do dia: _____
 - Trecho da obra usado: _____
 - Pergunta mediadora de abertura: _____
 - Momentos (tempo): sensibilização ___ · investigação/produção da escrita ___ · leitura em voz alta e fechamento ___
 - Agrupamento: _____
 - Materiais e ficha: _____
 - O que observar (evidências de leitura e de escrita): _____
 - Acessibilidade (DUA) do dia: _____
 - Tarefa ou combinado para casa: _____
-

Glossário de termos literários e de língua

- **Enredo:** a sequência de acontecimentos de uma narrativa, com começo, meio e fim.
 - **Clímax:** o ponto mais alto de tensão da história.
 - **Peripécia:** a reviravolta, a mudança inesperada no rumo dos fatos.
 - **Narrador:** a voz que conta a história (não confundir com o autor, que é a pessoa real).
 - **Foco narrativo (ponto de vista):** de que posição a história é contada (1ª ou 3ª pessoa).
 - **Narrador onisciente:** o narrador que sabe tudo, inclusive o que os personagens pensam e sentem.
 - **Personagem plano:** definido por um traço, previsível, não muda.
 - **Personagem redondo:** complexo, contraditório, com arco de transformação.
 - **Arco de transformação:** a mudança que um personagem sofre do início ao fim.
 - **Elipse:** o salto que a narrativa dá no tempo, pulando o que não precisa ser contado.
 - **Analepse (flashback):** a retomada de um tempo anterior ao da história principal.
 - **Coesão:** os recursos que amarram as frases umas às outras (pronomes, sinônimos, conectivos).
 - **Coerência:** o sentido global do texto, que faz as partes fecharem sem se contradizer.
 - **Conectivo:** a palavra que liga orações e marca a relação entre elas (mas, porque, portanto).
 - **Argumentação:** a defesa de um ponto de vista com razões, exemplos e evidências.
 - **Etimologia:** o estudo da origem das palavras.
 - **Radical:** a parte da palavra que carrega o sentido básico (foto, bio, grafo).
 - **Derivação:** formar palavra nova acrescentando afixo (prefixo ou sufixo) a uma existente.
 - **Composição:** formar palavra nova juntando palavras existentes (guarda-chuva, planalto).
 - **Neologismo:** palavra nova, criada para dizer o que ainda não tinha nome.
 - **Verbetes:** a unidade do dicionário; a descrição organizada de uma palavra.
 - **Denotação:** o sentido objetivo, de dicionário, de uma palavra.
 - **Conotação:** os sentidos afetivos e figurados que uma palavra carrega além do literal.
 - **Comunicação verbal:** a que usa palavras (faladas ou escritas).
 - **Comunicação não verbal:** a que usa outros sinais (gesto, olhar, cor, som, silêncio).
 - **Código:** um sistema de sinais com significados combinados (o semáforo, os emojis, a luz do Byte).
 - **Subtexto:** o que um texto ou uma fala diz sem dizer, nas entrelinhas.
 - **Registro:** o nível de formalidade da linguagem, ajustado à situação.
 - **Variação linguística:** as muitas maneiras (regionais, sociais, geracionais) de usar a língua, todas legítimas.
-

Glossário pedagógico

- **ABP (Aprendizagem Baseada em Projetos):** aprender resolvendo um desafio real que termina num produto.
 - **Pergunta geradora:** a pergunta aberta que move a investigação e atravessa a leitura e a escrita.
 - **Sensibilização:** o momento inicial que desperta a curiosidade.
 - **Culminância / socialização:** o momento de compartilhar o produto com um público (o sarau, o mural, a roda).
 - **Rubrica:** o quadro de critérios e níveis que torna a avaliação transparente.
 - **DUA:** o Desenho Universal para a Aprendizagem, que oferece vários caminhos de entrada.
 - **TCT:** os Temas Contemporâneos Transversais da BNCC.
 - **Objeto de conhecimento:** o conteúdo específico de um componente, na organização da BNCC.
 - **Processo de escrita:** o percurso de planejar, rascunhar, revisar, reescrever, editar e publicar.
-

Para saber mais (referências e apoios)

- A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), do MEC, para o mapeamento fino das competências e habilidades de Língua Portuguesa por ano, campo de atuação e prática de linguagem, e para os códigos de habilidade na versão de cada rede.
- Os documentos curriculares da rede local (currículo estadual ou municipal), que detalham os objetos de conhecimento por ano e completam o mapeamento aqui indicado.
- O referencial de Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), para a acessibilidade das sequências de leitura e de escrita.
- Materiais de mediação de leitura literária e de ensino da produção textual por processo (planejar, rascunhar, revisar, reescrever), para aprofundar as sequências 1, 2, 3 e 4.
- Um bom dicionário de língua e, quando possível, um dicionário etimológico, para a sequência 1.
- Guias de letramento em informação e em inteligência artificial para a Educação Básica, para aprofundar a sequência 5, em diálogo com a plataforma de IA do Byte (ver ../plataforma-byte-ia/COMO_CONSTRUIR_O MOCKUP.md).

(A coordenação pedagógica de cada rede complementa com os documentos curriculares locais e finaliza os códigos de habilidade por ano e componente.)

Frente educacional do projeto: filme@ofantasticolaboratorio.com.br · +55 11 98343-3235 · ofantasticolaboratorio.com.br

O Fantástico Laboratório. A palavra é a chave: aprendam a lê-la. E, quando chegarem ao fim do que decoraram, virem a página em branco e escrevam a parte que é só de vocês.